

ANÁLISE VARIACIONISTA DO ROTACISMO

Luciane Trennephol da Costa¹

lucianehappy@yahoo.com

RESUMO: Neste artigo, estudamos a realização de uma líquida vibrante por uma líquida lateral, como, por exemplo, a realização de *pranta* por *planta* e denominamos este fenômeno de *Rotacismo*. Usamos a Teoria da Variação para analisar dados de fala, descrevendo a realização do fenômeno e seus possíveis fatores condicionadores. Como resultados da nossa pesquisa em dados de fala, constatamos que o rotacismo é uma regra variável que depende do contexto silábico em que ocorre e que está condicionada por fatores sociais, como a escolaridade e a faixa etária. Estes resultados revelam um padrão de realização característico de variação estável para o ambiente de ataque complexo.

PALAVRAS-CHAVE: Fonologia. Rotacismo. Variação Lingüística.

1. INTRODUÇÃO

Neste artigo, efetuamos uma análise variacionista de um fenômeno de alternância entre as consoantes líquidas, lateral alveolar e vibrante fraca ou tepe, que ocorre nos contextos silábicos de ataque complexo e coda silábica, como, por exemplo, a realização de *planta* como *pranta* ou a realização de *papel* como *paper*. Seguimos a terminologia de Camara Jr. (1970) e denominamos este processo de *Rotacismo*. É um fenômeno antigo na língua portuguesa e que persiste na fala de determinadas comunidades.

A amostra que utilizamos nesta análise é originária da cidade de São José do Norte e integrante do banco de dados do Projeto VARSUL - Variação Lingüística Urbana na Região Sul². Os dados foram analisados na perspectiva da Teoria da

¹ Doutoranda em Letras em Análise do Português do Brasil na Universidade Federal do Paraná. O presente artigo constitui-se em uma síntese do terceiro capítulo da dissertação de mestrado intitulada “Estudo do Rotacismo: variação entre as consoantes líquidas”, defendida em setembro de 2006 na Universidade Federal do Rio Grande do Sul, sob orientação da Profa. Dra. Valéria N. de Oliveira Monaretto.

² O projeto VARSUL é um banco de dados constituído pela fala de informantes representativos sociolingüísticamente dos três estados da região Sul: RS, SC e PR. Este banco foi criado na década de 80

Variação de Labov (1972) e tratados matematicamente, seguindo a metodologia desta teoria, com o pacote de programas *Goldvarb*, uma versão em ambiente operacional *Windows* para o VARBRUL que opera no ambiente *MS-DOS*.

Este texto está estruturado da seguinte forma. Na seção dois, apresentamos a amostra usada para análise dos dados de fala e contextualizamos sua comunidade. Na terceira seção, apresentamos a variável dependente e as variáveis independentes utilizadas no estudo do rotacismo e suas motivações justificadas em nossas hipóteses para a realização do fenômeno. Na seção quatro, analisamos e discutimos os resultados gerados pelas rodadas dos programas do *Goldvarb* (Robinson, Lawrence e Tagliamonte, 2001)³ e apresentamos nossas considerações finais na última seção.

2. A AMOSTRA

O *corpus* desta análise é constituído pela amostra coletada por Amaral (2002) em outubro de 1997 até fevereiro de 1998 na zona rural do município de São José do Norte que é integrante do banco de dados do Projeto VARSUL. Os dados das quarenta entrevistas da amostra foram transcritos, codificados e submetidos à análise pelo pacote de programas *Goldvarb*.

São José do Norte é uma cidade situada no extremo sul do estado do Rio Grande do Sul, entre o Oceano Atlântico e a Lagoa dos Patos, distante 318 quilômetros da capital. É importante ressaltar que São José do Norte possui registros históricos do rotacismo. Pesquisas de campo realizadas nos anos de 1957 até 1959 por Bunse (1981) mostram a presença do fenômeno em transcrições fonéticas da fala desta comunidade. Segundo Bunse (1981), o município de São José do Norte é uma das regiões mais antigas do estado, foi o primeiro posto de vigilância no Rio Grande do Sul e lá se deu o início do povoamento no nosso estado. Era uma posição estratégica na fronteira com o Uruguai, na época de luta pelo território brasileiro entre Espanha e Portugal, sendo rota de Laguna a Sacramento e por isso colonizado pela coroa.

Do início histórico e do auspicioso período de produção do trigo (fins do século VXII) restam os topônimos e nomes de localidades como *Bujuru* (antiga fazenda

e já dispõe de inúmeros trabalhos descritivos e analíticos. Maiores detalhes no endereço eletrônico: www.pucrs.br/letras/pos/varsul

³ O programa *Goldvarb* e seu manual podem ser obtidos no endereço eletrônico <http://www.york.ac.uk/depts/lang/webstuff/goldvarb>.

Real de Bojuru). Em 1832, São José do Norte elevou-se a município, mas com a decadência na produção do trigo e os outros direcionamentos para a imigração no estado conheceu a decadência e o isolamento. A pouca densidade demográfica e o isolamento caracterizam a região como conservadora, conforme Bunse (1981, p.29): *“Por outro lado, devido a esses mesmos fatores, o município conservou, como poucos, os traços de sua origem antiga.”* Possui uma economia primária baseada na agricultura, principalmente na plantação de cebola, e na pesca. O analfabetismo, que ainda hoje é marcante na cidade, já se fazia presente na época das pesquisas de Bunse:

As condições culturais são muito baixas, pois a percentagem de analfabetos na zona rural é de 60-70%, índice dos mais altos do estado. Mas o governo municipal está empenhando grandes esforços para disseminar escolas por toda a área do município (Bunse, 1981).

Atualmente, segundo censo do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística de 2001, com uma população de 23.796 habitantes e 3.756 analfabetos, ou seja, 15,78 % da população, São José do Norte é a terceira cidade gaúcha com o maior índice de analfabetismo. As péssimas condições da BR 101, rodovia pela qual se dá o acesso ao município e cuja alcunha é “estrada do inferno”, contribuem para o isolamento da comunidade.

Na constituição da amostra de São José do Norte, Amaral (2002) buscou uma representação ideal de acordo com a teoria laboviana. O número de células é fruto da multiplicação do número de variáveis sociais da amostra. Amaral dividiu a amostra em dois sexos (masculino e feminino), duas faixas etárias (até 50 anos e mais de 50 anos) e duas faixas de escolaridade (de zero até quatro anos de estudo e mais de quatro anos de estudo). Desta forma ($2 \times 2 \times 2 = 8$), cada uma das oito células possui cinco informantes, totalizando os quarenta informantes componentes da amostra.

Na nossa análise, com o intuito de melhor caracterizar o comportamento da regra variável do rotacismo e de seu estado na mudança lingüística naquela comunidade, optamos pela divisão em três faixas etárias: até 45 anos, de 45 até 60 anos e mais de 60 anos. O ideal com esta divisão que forma 12 células, 2 (dois sexos: masculino e feminino) x 2 (até quatro anos de estudo e mais de quatro anos) x 3 (três faixas etárias) = 12, seria uma amostra com 60 informantes, cinco em cada uma das doze células. Perdeu-se no número de informantes em favor de uma amostra mais equilibrada na distribuição dos informantes por faixa etária. A primeira faixa etária, até

40 anos, ficou com 10 informantes; a segunda, de 40 até 55 anos, e a terceira, mais de 55 anos, com 15 informantes cada uma.

Explicitamos na seção a seguir todas as variáveis controladas nesta nossa análise variacionista do fenômeno do rotacismo e discutimos na seção 4 os resultados estatísticos obtidos com o pacote de programas *Goldvarb*.

3. VARIÁVEIS CONTROLADAS

3.1. VARIÁVEL DEPENDENTE

Nossa variável dependente neste trabalho foi determinada como a ocorrência ou não do rotacismo, ou seja, a realização de uma consoante lateral (*blusa*) por uma consoante vibrante (*brusa*) codificada como (1) realização do rotacismo e (2) não realização. Para tanto, escutamos e codificamos todos os contextos produzidos pelos quarenta informantes da amostra de São José do Norte com uma consoante lateral na coda ou no ataque complexo. São estes contextos que possibilitam a realização de variação entre uma consoante vibrante ou uma consoante lateral na língua portuguesa. Cabe ressaltar que escolhemos este fenômeno para estudo dentre tantos que ocorrem entre as consoantes líquidas, como a semivocalização (*muié* por *mulher*, *revolvei* por *revólver*, *saw* por *sal*), a metátese (*exprimenta* por *experimental*) e a realização de uma lateral por uma vibrante (*flouxo* por *frouxo*), devido a sua recorrência na história da língua, à possibilidade de registros sincrônicos na amostra de São José do Norte e seus abundantes registros históricos. Nosso objeto específico de estudo de regra variável constitui-se então da realização de uma consoante vibrante por uma consoante lateral nos ambientes de coda silábica e de ataque complexo.

3.2. VARIÁVEIS INDEPENDENTES

3.2.1. POSIÇÃO NA SÍLABA

Os segmentos distribuem-se na sílaba a partir de características próprias, como a força articulatória (Murray, 1987) e o grau de sonoridade (Clements, 1990). Desta forma, a distribuição silábica é motivada pelo valor de força articulatória ou pelo

valor de sonância dos segmentos e pode constituir-se como fator de variação. As consoantes líquidas partilham propriedades fonotáticas no português brasileiro: ambas podem formar ataque simples, coda silábica e são os únicos segmentos permitidos como segundo elemento de um ataque complexo. A realização de uma vibrante no ataque ramificado seria motivada pelo fato de que este segmento propicia uma melhor estrutura silábica.

Nossa hipótese de que a vibrante formaria um melhor ataque complexo é referida em Amaral (2002). O objeto de estudo de Amaral é a síncope, fenômeno em que há a perda de um ou mais segmentos no interior do vocábulo. No estudo em questão, tratou-se da perda da vogal postônica não-final dos vocábulos proparoxítonos, por exemplo, a realização de *fosfro* por *fósforo*. Suas conclusões são relevantes para o estudo do rotacismo, pois os dois fenômenos, síncope e rotacismo, possuem similaridades. Ambos são estigmatizados, típicos de comunidades rurais e de baixo letramento e também a síncope, assim como o rotacismo, esteve presente na passagem do latim para o português. O estudo da síncope em São José do Norte revelou que a líquida vibrante como contexto fonológico precedente favorece a realização do fenômeno em relação à líquida lateral, indicando ser a vibrante formadora de melhor ataque complexo que a lateral de acordo com o Princípio de Seqüenciamento de Sonância (Clements, 1990).

Os resultados estatísticos da análise variacionista empreendida para a síncope apontaram como variáveis favorecedoras à realização do fenômeno o contexto fonológico seguinte e a escolaridade. A pressuposição da autora em relação ao contexto seguinte era de que as líquidas formam um dos ambientes mais favorecedores ao apagamento da vogal postônica não-final. Isto porque o molde silábico do português possibilita a formação de um ataque complexo (CCV) desde que a segunda consoante seja uma líquida, por exemplo, *xí.ca.ra* > *xi.cra* ou *ó.cu.los* > *ó.clus*. O interessante para o rotacismo é a diferença em termos de peso relativo e porcentagens favoráveis à síncope entre as líquidas:

Fatores	Aplic. /Total	%	Peso Relativo
Líquida vibrante /r/	293/629	47	0,83
Líquida lateral /l/	50/502	25	0,53
Outras consoantes	62/941	7	0,25
Total	405/1.772	23	

Input 0,16

Tabela 1: Efeito do contexto fonológico seguinte para a síncope (Amaral, 2002, p. 106)

Como observamos na Tabela 1, há uma diferença considerável entre as líquidas para o favorecimento da síncope e a conclusão de Amaral é de que “*O fato de ser a vibrante o fator que provoca mais apagamento sugere que ela é uma formadora de ataque complexo melhor do que a lateral...*”. A autora utiliza a Hierarquia de Sonância proposta por Kiparsky (1979, p. 432) que postula a vibrante /r/ com mais sonância em relação à lateral /l/ em oposição à Escala de Sonância de Clements em que ambas as líquidas são colocadas em igualdade. Estas evidências que colocam a vibrante como melhor formadora de ataque complexo que a lateral poderiam justificar o rotacismo nos grupos consonantais. Esta hipótese coaduna-se, segundo Amaral (2002, p. 106), com o Princípio de Seqüenciamento de Sonância (PSS) em que a partir da Escala de Sonância os segmentos com posição mais alta ficam no núcleo da sílaba e os segmentos com posição mais baixa ficam nas margens. Assim, a escolha da vibrante como segundo elemento de ataque complexo poderia ser justificada pelo PSS.

Neste trabalho, analisamos a variação entre as líquidas nos ambientes de ataque complexo e coda silábica, pois acreditamos que estes contextos possuem comportamento diferenciado na realização do fenômeno do rotacismo. Esta variável foi codificada como G - grupo consonantal e C - coda silábica.

3.2.2. CONTEXTO PRECEDENTE

Além das características próprias dos segmentos, as relações entre eles exercem um papel importante na estrutura silábica, conforme Murray (1987) e Vennemann (1988). Nesta proposta, os segmentos distribuem-se numa escala de força consonantal, cada segmento possui um valor, e a probabilidade de uma estrutura silábica sofrer um processo de mudança cresce conforme sua avaliação de valor decresce na escala. Em ataque complexo, por exemplo, as estruturas preferidas AB seriam aquelas em que há o maior valor na diferença A-B, as estruturas com valores menores entre A e

B tenderiam a sofrer processos de mudança. Esta escala apresenta valores diferenciados para oclusivas e fricativas, por exemplo, sugerindo que estes segmentos atuariam diferentemente nas leis de preferência que governam a estrutura silábica. Esta variável foi codificada como p-oclusiva, v – fricativa, e – vogal anterior e o – vogal posterior.

3.2.3. PRESENÇA DE OUTRO SEGMENTO LÍQUIDO NA PALAVRA

O objetivo do controle desta variável é testar a hipótese de abrandamento fonético sustentada por Mollica e Paiva (1991). Nesta proposta, a seqüência de líquidas provocaria a dissimilação do /l/ em /r/ e de /r/ em /l/ , como, por exemplo, a realização de *problema* por *pobrema*. Nesta hipótese, a presença de duas líquidas no vocábulo motivaria a dissimilação fonética do /l/ em /r/, ocorrendo o rotacismo.

A dissimilação das líquidas esteve presente na concatenação morfológica do latim (Dickey, 1997). Quando havia duas consoantes laterais na palavra, por exemplo, /vulg- + -alis/, ocorria a dissimilação da última lateral em vibrante: /vulg-alis/ > [vulgaris]. Esta variável foi codificada como s – há outro segmento líquido no vocábulo e n- não há outro segmento líquido no vocábulo.

3.2.4. SONORIDADE DO SEGMENTO PRECEDENTE

Na proposta de Murray (1987), além das oclusivas e fricativas apresentarem valores diferenciados, elas são discernidas por valor de sonoridade. Assim, as oclusivas surdas teriam mais força consonantal que as oclusivas sonoras e estas o mesmo valor de força consonantal que as fricativas surdas, ou seja, os segmentos possuem valores diferenciados quanto à sonoridade, tendo os segmentos surdos mais força consonantal que os sonoros. Esta variável foi codificada como - a - surdo e - b - sonoro.

3.2.5. IDADE

A teoria da variação sustenta duas estratégias para o exame da mudança lingüística: a análise em tempo real e a análise em tempo aparente que é a primeira e mais direta abordagem para o estudo da mudança lingüística (Labov, 1994). Na análise em tempo aparente, as variáveis lingüísticas são distribuídas conforme a frequência de uso pelas faixas etárias, o que permite inferir estados da mudança lingüística. Como

para a teoria a mudança move-se por gerações, se uma determinada variável, por exemplo, apresenta um alto índice de realização nas faixas etárias mais novas e um índice baixo nas faixas mais velhas isto pode sugerir o seu progressivo abandono de uso pelos falantes e conseqüentemente o seu desaparecimento do sistema lingüístico. A análise em tempo aparente deve ser corroborada por uma análise em tempo real, que se configura no exame de uma determinada variável em dois períodos distintos de tempo na mesma amostra ou em uma amostra equivalente. Desta forma, a faixa etária é uma variável importante para a teoria. Nossa amostra foi estratificada em três faixas etárias: 4 – até 40 anos, 5 – de 40 a 55 anos e 6 – mais de 55 anos.

3.2.6. SEXO

Trabalhos variacionistas costumam correlacionar o uso lingüístico ao sexo/gênero do falante para além das escolhas vocabulares. Alguns estudos, como, por exemplo, Fischer (1958, apud Paiva, 2004), constataam que as formas de prestígio tendem a predominar na fala feminina e que, na mudança lingüística em curso para implantação de uma forma socialmente prestigiada, as mulheres tendem a assumir a liderança. No entanto, esta variável, como as outras variáveis sociais, é complexa e precisa ser cruzada com outras; além de se considerar a forma de organização social da comunidade de falantes e as mudanças desta organização e dos papéis sociais do homem e da mulher no mundo.

A análise da dimensão social da variação e da mudança lingüística não pode ignorar, no entanto, que a maior ou menor ocorrência de certas variantes, principalmente daquelas que envolvem o binômio forma padrão/forma não padrão e o processo de implementação de mudanças estejam associados ao gênero/sexo do falante e à forma de construção social dos papéis feminino e masculino (Paiva, 2004).

Assim, o gênero/sexo aliado ao seu papel na organização social da comunidade em estudo contribui para o comportamento lingüístico do falante. Em nossa amostra, esta variável foi codificada como Y – sexo masculino e W – sexo feminino.

3.2.7. ESCOLARIDADE

A escola, como uma etapa posterior à família no processo de socialização do indivíduo, exerce influência sobre seu comportamento lingüístico. Votre (2004) estabelece distinções no interior de categorias presentes na dinâmica social em que interage a escola e uma delas é a distinção entre fenômeno socialmente estigmatizado, como o rotacismo, e fenômeno imune à estigmatização. Estas formas estigmatizadas são registradas como erro em gramáticas escolares e são alvos da ação normativa da escola e de rejeição da comunidade discursiva:

A forma estigmatizada é interpretada como inferior, em termos estéticos e informativos, pelos membros da comunidade discursiva. Assim criam-se consensos quanto ao caráter estigmatizado dos usuários de framengo, pobrema e homi (Votre, 2004).

No entanto, Votre também destaca que o domínio do registro culto da língua é complexo e depende também das experiências de vida do falante, da sua consciência ao grau de prestígio das formas usadas e de seu esforço comunicativo de modo a garantir êxito nos contextos em que quer figurar.

A baixa escolaridade, e a conseqüente não exposição à ação normativa da escola, favoreceria a realização de fenômenos estigmatizados socialmente. A variável escolaridade foi apontada como o segundo fator favorecedor à realização da síncope no estudo de Amaral (2002). Dadas às características da comunidade em que se coletou a amostra, zona rural e de baixo letramento em que muitas escolas não tinham a 5ª série, esta variável foi dividida em duas faixas: mais de quatro anos de estudo e até quatro anos de estudo. Os resultados mostraram o esperado: os menos escolarizados realizam mais a síncope com uma porcentagem de 29% e peso relativo de 0.60; dando evidências de que o ensino manifesta um papel significativo no desempenho lingüístico das falantes. Podemos traçar um paralelo entre os resultados para a síncope e possíveis favorecimentos para o rotacismo da baixa escolaridade licenciados pelo fato de os dois fenômenos serem característicos de dialetos estigmatizados. Ao tratar dos grupos consonantais e da possível alternância existente entre eles, Camara Jr. (1972) situa o lugar de sua ocorrência na fala: *“Um e outro contraste são muito precários nos dialetos sociais inferiores e mesmo num registro muito familiar”*. O fator interveniente aos dialetos sociais inferiores parece ser a escolaridade.

Acreditamos então que a escolaridade seja um fator significativo na realização do rotacismo. Devido às características da amostra, zona rural e de baixo letramento, nosso *corpus* está dividido em apenas duas faixas de escolarização codificadas como X – até quatro anos de estudo e Z – mais de quatro anos de estudo.

4. ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS

Apresentaremos nesta seção os resultados da análise estatística do rotacismo realizada através do pacote de programas *Goldvarb*. As tabelas mostram freqüências de aplicação e pesos relativos para os fatores condicionadores apontados pelo programa para a realização do fenômeno na amostra de São José do Norte. Primeiramente, analisamos e discutimos os resultados para uma rodada geral e, em vista destes resultados, analisamos posteriormente a atuação do rotacismo separadamente para os ambientes de ataque complexo e coda silábica.

4.1. RODADA GERAL

Ocorreu uma porcentagem de aplicação de 11% em 1316 dados que geraram 107 células. O programa selecionou como variáveis favorecedoras à realização do rotacismo: o ambiente de ataque complexo, a faixa etária e a escolaridade.

4.1.1. ATAQUE COMPLEXO

O *Goldvarb* selecionou como primeiro fator favorecedor à aplicação da regra do rotacismo a posição silábica. O ambiente de ataque complexo favorece o rotacismo em relação à coda silábica, como podemos visualizar na tabela 2 abaixo:

Posição na sílaba	Apl. / Total	%	Peso Relativo
Ataque Complexo (planta, blusa)	109/463	23	0.86
Coda Silábica (filme, pulso)	41/853	4	0.27

Input 0.11

Tabela 2: rotacismo conforme posição na sílaba

Os resultados expressos na tabela 2 mostram que há mais rotacismo em ataque complexo, com um índice de aplicação de 23 %, do que em coda silábica.

Contudo, podemos observar que há um desequilíbrio nos totais de contextos possíveis de aplicação da regra. Os dados geraram 463 contextos de ataque contra 853 contextos de coda silábica. Isto ocorre porque há no léxico da língua portuguesa, segundo o Dicionário Aurélio Eletrônico, 24.975 vocábulos com ataque complexo formado por obstruinte mais vibrante contra apenas 5.388 formados por obstruinte mais uma consoante lateral, que é o ambiente propício à realização do rotacismo.

Na posição de ataque absoluto, ataque em início de sílaba, a diferença entre ataques complexos com vibrantes e laterais também é marcante. Segundo o Dicionário Eletrônico Houaiss, há 2.506 ataques complexos formados por uma obstruinte mais uma lateral contra 9.763 ataques formados por uma obstruinte mais uma vibrante. O quadro abaixo ilustra essa diferença detalhada por tipo de segmento.

Obstruinte lateral +	Total de ataques absolutos	Obstruinte vibrante +	Total de ataques absolutos
bl	282	br	1.294
pl	653	pr	2.642
gl	412	gr	1.008
cl	572	cr	1.222
dl	1	dr	311
tl	7	tr	2.395
vl	1	vr	2
fl	578	fr	889
Total	2.506	Total	9.763

Fonte: Dicionário Eletrônico Houaiss da Língua Portuguesa 1.0.7.

Quadro 1: Total de vocábulos formados por Ataque Complexo Absoluto com diferentes segmentos

Como pode ser observado no quadro acima, todos os conjuntos de obstruinte mais vibrante, com qualquer tipo de obstruinte, ocorrem em maior número que o mesmo segmento com uma lateral. Desta forma, apesar de ocorrer em número expressamente menor, o contexto de ataque é favorecedor à aplicação da regra do rotacismo. Estes fatos, ser o ambiente de ataque favorecedor à aplicação da regra e o léxico da língua possuir em maior quantidade a vibrante como segundo elemento de ataque, coadunam-se com nossa hipótese de que a vibrante forma melhor ataque complexo do que a lateral.

A partir da observação da existência de preferências por certas estruturas e contatos silábicos nas línguas, lingüistas têm proposto generalizações que governam a ordem preferencial dos segmentos nas sílabas. O Princípio de Seqüenciamento de Sonância postula que os segmentos distribuem-se na sílaba conforme seu valor de

sonância, o pico ou núcleo da sílaba congrega os valores mais altos e os valores menores de sonância ficariam nas margens silábicas. Clements (1990) propõe que a sonância não é uma propriedade inerente aos segmentos e sim a soma de quatro traços binários: silábico, vocóide, aproximante e soante. A figura 1 (Clements, op. cit., p. 292) mostra a formação desta hierarquia, os segmentos são separados por classes naturais: Obstruintes, Nasais, Líquidas, Glides e Vogais.

$O < N < L < G < V$					
-	-	-	-	+	silábico
-	-	-	+	+	vocóide
-	-	+	+	+	aproximante
-	+	+	+	+	soante
0	1	2	3	4	<i>ranking</i> da sonância

Figura 1: Hierarquia de Sonância na proposta de Clements (1990)

Desta forma, as vogais formam o núcleo silábico por possuírem maior valor de sonância. Clements também propõe que o Ciclo de Sonância requer uma subida mais abrupta de sonância no ataque e uma queda mais amena na coda. Estes postulados baseiam-se em generalizações encontradas nas línguas. É muito mais freqüente, por exemplo, um ataque complexo formado por uma obstruinte mais uma líquida do que um formado por uma nasal mais uma líquida pelo fato do primeiro conjunto compor uma subida mais abrupta de sonância. A preferência de uma descida mais amena na coda silábica também explica a maior freqüência de fricativas e líquidas do que obstruintes neste ambiente silábico. Em (2) podemos visualizar o Ciclo de Sonância, formado pela atribuição dos traços que o caracterizam conforme (1), em duas palavras do português e a equidade das líquidas na formação de um ataque complexo.

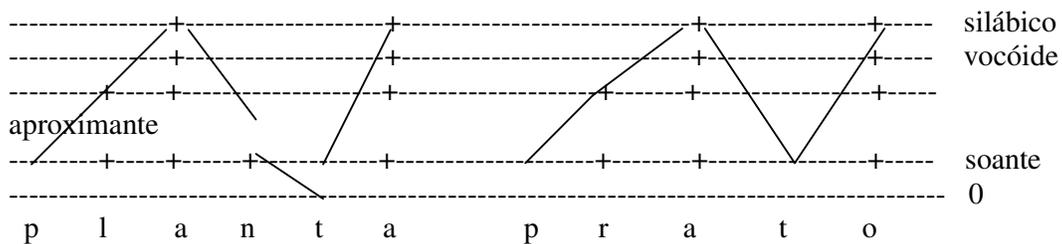


Figura 2: Ciclo de Sonância

Para Clements, a escala de sonância é rígida e é a mesma para todas as línguas, desvios e violações da hierarquia têm explicações de outra natureza. No caso de

uma característica comum, como o valor de sonância das líquidas, a preferência mostra a emergência do valor não-marcado. Nesta proposta, as duas líquidas teriam o mesmo valor de sonância e a preferência por uma vibrante como segundo elemento de um ataque complexo revelaria a vibrante como o valor não-marcado para esta classe natural.

Outros teóricos, como Kiparsky (1979) e Bonet e Mascaró (1996), têm proposto escalas mais divididas com valores diferenciados para fricativas e oclusivas, por exemplo. E também postulam a vibrante com maior valor de sonância que a lateral. Considerando-se a escala de Bonet e Mascaró (1996, apud Monaretto, 1997) que apresenta valores diferenciados para a lateral e a vibrante e ainda mais para a vibrante e o tepe, o valor de sonância poderia ser uma motivação para o rotacismo ocorrer mais no ambiente de ataque silábico.

Oclusivas > Fricativas e Vibrantes > Nasais > Laterais > Glides e Tepe > Vogais

Figura 3: Escala de Sonância de Bonet e Mascaró (1996)

Os valores distintos para a vibrante e o tepe justificam a predominância da vibrante no ataque, pois o crescimento de sonância seria mais abrupto, e do tepe como segundo elemento de um ataque complexo ou na coda silábica. Também a diferença de valores de sonância entre o tepe e a lateral configura o tepe como o candidato preferencial para segundo elemento de um ataque complexo. Esta preferência se concretiza com a ocorrência do rotacismo, na diferença de ataque com laterais e vibrantes no léxico da língua e na hipótese de Amaral (2002) de que a vibrante como contexto fonológico seguinte favorece a síncope (conforme seção 3.2.1).

Hall (1993) no artigo “The Phonology of German /R/” em que trata das regras que produzem os alofones consonantais da vibrante uvular no alemão padrão em certos dialetos analisa a vibrante como subjacentemente [+ sonorante] que as outras sonorantes, laterais e nasais, pelo seu comportamento em termos de silabificação.

No alemão, os *clusters* finais de /r/ mais outra sonorante são tautossilábicos, como, por exemplo, a palavra *kerl* (amarelo), ou seja, pertencem à mesma sílaba; já os *clusters* em final de sílaba que tenham o rótico como segundo elemento são heterossilábicos. Este padrão distribucional indica que nesta língua a vibrante é superior em sonância que a lateral e, obedecendo à previsão do Ciclo de Sonância de uma coda com queda de sonância, uma seqüência [rl] forma uma coda silábica, mas uma

seqüência de [lr] forma sílabas separadas. Ou seja, Hall apóia-se em dados empíricos da língua para o postulado de que o /r/ é superior na hierarquia de sonância às outras consoantes sonorantes.

No português brasileiro, além dos dados já referidos: ocorrência do rotacismo, maior número de ataques complexos com vibrantes no léxico da língua e a vibrante no contexto fonológico seguinte favorecendo a síncope; existem poucas palavras em que as consoantes líquidas se encontram em bordas silábicas opostas, uma na coda e outra no ataque, como nas palavras *parlamento* e *bilro*. E neste raro encontro é ainda menor a possibilidade de que a lateral esteja na coda e a vibrante no ataque como em *bilro* e *melro*. Apesar de poucos casos, é mais encontrada uma estrutura silábica que contenha a vibrante na coda e a lateral no ataque, como nos exemplos *arlequim*, *berloque*, *burlar*, *irlandês*, *Carlos*, etc. Este fato, aliado aos já citados, pode ser considerado para sustentar a hipótese de que a consoante vibrante é superior em sonância em relação à consoante lateral.

Assim, escalas de sonância com valores diferenciados para os segmentos vibrante e lateral justificam o rotacismo no ataque, pois a teoria prediz um ataque complexo com uma subida abrupta e isto ocorre em maior escala com o segmento vibrante.

4.1.2. FAIXA ETÁRIA

A segunda variável selecionada pelo programa como fator condicionador à aplicação da regra do rotacismo foi a faixa etária. Na Tabela 3, podemos observar os resultados da variável faixa etária.

Faixa Etária	Apl./ Total	%	Peso Relativo
4 - até 40 anos	41/342	11	0.56
5 - de 40 a 55 anos	12/430	2	0.21
6 - mais de 55 anos	97/544	17	0.70

Input 0.11

Tabela 3: Aplicação de rotacismo e faixa etária

Conforme a Tabela 3, há maior aplicação do fenômeno entre os falantes mais novos e os mais velhos, sendo a faixa etária mais velha (6) a que mais realiza o fenômeno. Este resultado fornece um padrão de aplicação que denuncia, de acordo com a teoria laboviana, uma variação estável na comunidade de São José do Norte. O padrão curvilíneo desenhado pelos resultados pode ser visualizado no Gráfico 1.

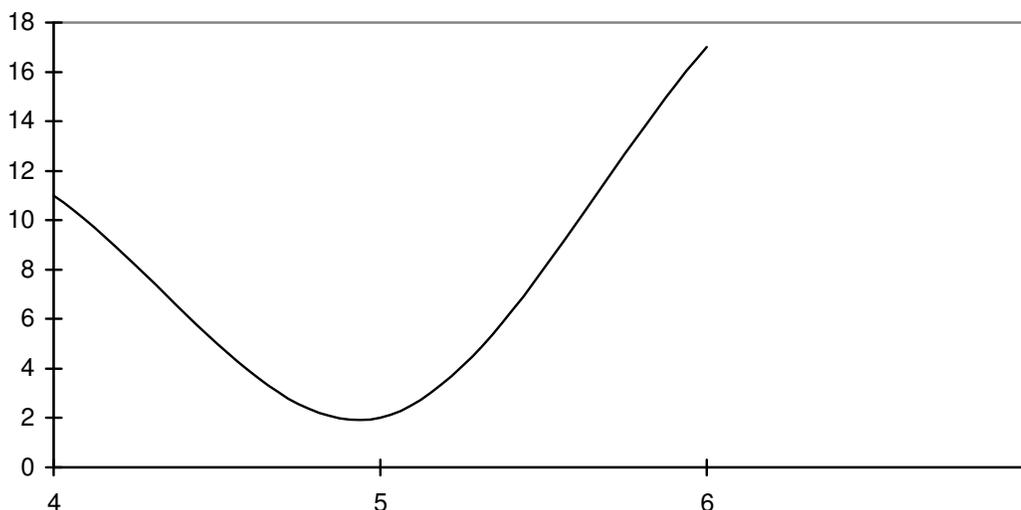


Gráfico 1: Faixa Etária e realização do rotacismo

Quando os falantes mais jovens e mais velhos usam uma variável, significa que ela apresenta indícios de estabilidade, ainda mais se for uma variável estigmatizada como o rotacismo (Labov, 2002, p. 76). Se o uso predominasse entre os falantes mais velhos, a variável tenderia a desaparecer junto com estes falantes, seguindo a lei da vida. Caso o uso predominasse entre os mais jovens, essa poderia ser uma variável em situação de implementação de mudança em progresso ou um caso de *age-grading*, que significa um padrão lingüístico típico da faixa etária. O padrão do Gráfico 1 denuncia que os mais jovens e os mais velhos lideram o fenômeno, mas o uso cai na faixa intermediária, sugerindo que esta variável não vai desaparecer e nem ter hegemonia naquela comunidade.

Segundo Labov (2002, p.77), a mudança se irradia a partir dos grupos intermediários, o que não é o caso do nosso fenômeno, e quando um traço estigmatizado está sendo perdido os falantes mais jovens não o usam. Portanto, o que podemos inferir

destes resultados é que a regra do rotacismo não é um caso de mudança em progresso na comunidade de São José do Norte. Pelo contrário, o padrão curvilíneo gerado pelos resultados observado no gráfico acima sugere que a regra do rotacismo é um caso de variação estável em São José do Norte, sua ocorrência anterior é atestada na fala dos falantes mais velhos, faixa etária 6, e sua continuidade é atestada na fala dos falantes mais novos, faixa etária 4.

4.1.3. ESCOLARIDADE

A variável escolaridade foi a terceira apontada pelo programa como favorecedora à aplicação da regra do rotacismo, confirmando nossa hipótese inicial de que esta variável social exerceria papel na realização do fenômeno.

Escolaridade	Apl./ Total	%	Peso Relativo
X – até quatro anos de estudo	102/681	14	0.57
Z – mais de quatro anos de estudo	48/635	7	0.41

Input 0.11

Tabela 4: Escolaridade e aplicação do rotacismo

A Tabela 4 informa que a primeira faixa de escolaridade, com até quatro anos de estudo, favorece o fenômeno do rotacismo. Esta faixa de escolaridade possui informantes analfabetos, pois a amostra possui dois informantes analfabetos e três que possuem até dois anos de estudo. Para melhor analisarmos o papel destes informantes na realização do fenômeno, realizamos nova rodada do programa *Goldvarb* separando estes informantes em uma faixa distinta, constituindo assim três faixas de escolaridade: a) analfabetos e falantes com até dois de estudo, x) informantes com até quatro anos de estudo e z) informantes com mais de quatro anos de estudo.

Esta nova rodada com três faixas distintas de escolaridade ratificou a importância desta variável na realização do fenômeno como podemos observar na Tabela 5.

Escolaridade	Apl. / Total	%	Peso Relativo
A- até dois anos de estudo	56/155	36	0.79
X- de dois até quatro anos de estudo	46/526	8	0.46
Z- mais de quatro anos de estudo	48/635	7	0.44

Input 0.06

Tabela 5: Escolaridade com três faixas

A Tabela 5 ilustra que a baixa escolaridade tem efetivo papel na realização do rotacismo, pois a faixa mais baixa de escolaridade apresentou maior peso relativo e porcentagem de realização. Coerentemente, a variável escolaridade continuou a ser a terceira variável a favorecer o rotacismo nesta nova rodada do programa.

4.2. RODADA PARA ATAQUE COMPLEXO

Na rodada para os contextos de aplicação de ataque complexo, obtivemos 53 células de 462 dados com um índice de aplicação de 23%. O programa selecionou como fatores favorecedores à aplicação da regra do rotacismo neste ambiente a faixa etária, a escolaridade e a sonoridade do segmento precedente.

4.2.1. FAIXA ETÁRIA

A faixa etária foi o primeiro fator favorecedor ao rotacismo no ambiente de ataque complexo. Nesta rodada, esta variável repete o padrão da rodada geral com maior aplicação do fenômeno entre os falantes mais jovens e mais velhos.

Faixa Etária	Apl./Total	%	Peso Relativo
4 – até 40 anos	40/90	30	0.64
5 – de 40 a 55 anos	9/136	6	0.20
6 – mais de 55 anos	60/127	32	0.66

Input 0.23

Tabela 6: Faixa etária / ataque complexo

Novamente o padrão curvilíneo desenhado pelos resultados, conforme o Gráfico 2, sugere que a regra do rotacismo é uma variável estável na comunidade de São José do Norte cujo predomínio de uso ocorre na faixa etária mais nova (4) e na mais velha (6).

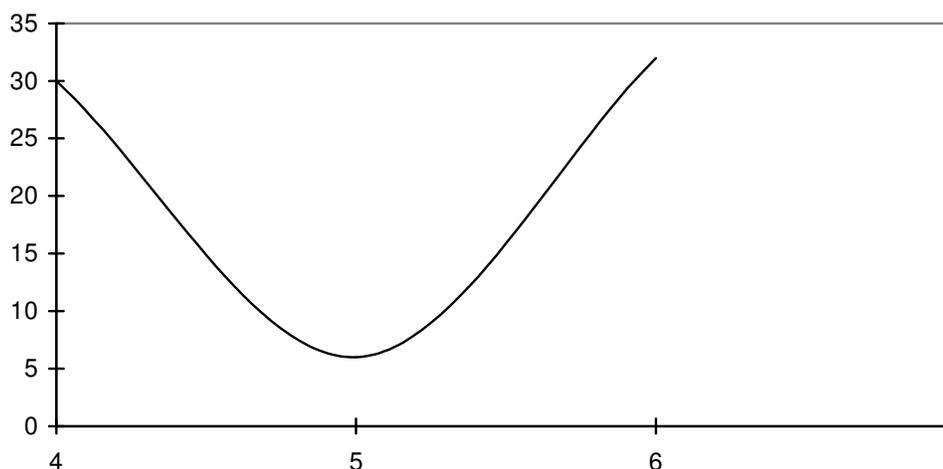


Gráfico 2: Faixa etária e realização de rotacismo em ataque complexo

4.2.2. ESCOLARIDADE

A segunda variável selecionada pelo programa como favorecedora ao rotacismo no ambiente de ataque complexo foi a escolaridade. Novamente, nesta variável repete-se o padrão da rodada geral, com valores bem próximos, dos menos escolarizados realizarem mais o fenômeno.

Escolaridade	Apl. / Total	%	Peso Relativo
X – até quatro anos de estudo	81/176	31	0.60
Z – mais de quatro anos de estudo	28/177	13	0.37

Input 0.23

Tabela 7: Escolaridade / ataque complexo

Nesta rodada individual para o ataque complexo, também dividimos a variável escolaridade em três faixas distintas para observarmos o papel da variável e dos informantes analfabetos na realização do fenômeno.

Escolaridade	Apl. / Total	%	Peso Relativo
A- até dois anos de estudo	43/74	58	0.84
X- de dois a quatro anos de estudo	38/183	20	0.47
Z- mais de quatro anos de estudo	28/205	13	0.37

Input 0.17

Tabela 8: Escolaridade com três faixas / ataque complexo

Novamente se ratifica a influência dos informantes analfabetos e analfabetos funcionais, pois a primeira faixa congrega um alto índice de porcentagem e peso relativo. Confirmamos assim nossa hipótese de que a escolaridade exerceria papel na regra do rotacismo.

4.2.3. SONORIDADE DO SEGMENTO PRECEDENTE

A terceira variável selecionada pelo programa como fator condicionador para o rotacismo no ataque complexo foi a sonoridade do contexto precedente. O segmento precedente sonoro favorece a aplicação da regra com um peso relativo alto de 0.72 e um índice de aplicação de 39%.

Sonoridade do segmento precedente	Apl./Total	%	Peso Relativo
A – Segmento Surdo	92/327	21	0.47
B – Segmento Sonoro	17/26	39	0.72

Input 0.18

Tabela 9: Sonoridade do segmento precedente / ataque complexo

Como podemos depreender da tabela acima, na posição de ataque complexo com segmento precedente sonoro o rotacismo obteve um índice de aplicação de 39% e com segmento precedente surdo um índice de 21%. Portanto, mesmo com um número significativamente maior de ataques complexos com segmento precedente surdo, 327 dados, o fenômeno do rotacismo ocorreu mais em ataques complexos com segmento precedente sonoro nesta amostra. Podemos concluir então que é o segmento precedente sonoro que favorece a realização do fenômeno na posição de ataque complexo.

Este resultado é coerente com a proposta de força consonantal de Murray (1987). Nesta proposta, os segmentos diferenciam-se por seu valor de força consonantal, as consoantes obstruintes oclusivas surdas possuem o maior valor de força consonantal e as vogais, no outro extremo, o menor valor. Murray sustenta, baseado em dados empíricos, uma escala específica para as línguas românicas reproduzida abaixo em que há diferenciação entre a consoante vibrante e a lateral.

Fraco	i	u	1
	r		2
	l		3
	N		4
	v		5
	d	g	6
	b	f	7
	t	k	8
Forte	p		9

Figura 4: Escala de Força Consonantal específica para as línguas românicas (fonte: Murray (1987, p. 119.)

Para Murray, a probabilidade de uma estrutura silábica sofrer um processo cresce conforme sua avaliação decresce. Em ataque complexo, as estruturas preferidas AB seriam aquelas em que há o maior valor na diferença A-B. Nossos resultados coadunam-se com esta proposta, pois um segmento sonoro como primeiro elemento de um ataque complexo estaria mais sujeito a sofrer o rotacismo.

Por exemplo, de acordo com esta proposta, uma estrutura silábica formada por uma oclusiva surda mais uma lateral tenderia mais a sofrer processos, pois sua avaliação é menor, do que uma estrutura formada por uma obstruinte mais uma vibrante. De acordo com a escala da Figura 4, teríamos o seguinte cálculo: $/p/(9) - /l/(3) = 6 < /p/(9) - /r/(2) = 7$. Isto explica porque a estrutura silábica de ataque complexo com o segmento lateral tende a sofrer o rotacismo.

Como os segmentos na escala de força consonantal de Murray são diferenciados quanto à sonoridade, tendo os surdos maiores valores de força consonantal, as estruturas silábicas formadas por um segmento sonoro como primeiro elemento de um ataque complexo tendem a sofrer processos. Isto justifica a sonoridade do segmento precedente favorecer o rotacismo, novamente de acordo com a escala em (4) teríamos os seguintes cálculos:

$$\begin{array}{llll}
 /p/ (9) - /l/ (3) = 6 & /p/ (9) - /r/ (2) = 7 & /t/ (8) - /l/ (3) = 5 & /t/ (8) - /r/ (2) = 6 \\
 /b/ (7) - /l/ (3) = 4 & /b/ (7) - /r/ (2) = 5 & /d/ (6) - /l/ (3) = 3 & /d/ (6) - /r/ (2) = 4
 \end{array}$$

Assim, se a probabilidade de uma estrutura silábica sofrer um processo cresce conforme sua avaliação decresce, podemos visualizar nos cálculos acima que é mais provável uma oclusiva com uma lateral, por exemplo *pl*, cuja avaliação é 6, sofrerem um processo do que uma oclusiva com uma vibrante cuja avaliação é 7 e do mesmo modo é mais provável uma estrutura formada por um segmento sonoro, por exemplo *bl*, cuja avaliação é 4 sofrer um processo do que uma formada com um segmento surdo, por exemplo *pl*, cuja avaliação é 6.

As leis preferenciais para as estruturas silábicas bem como a escala de força consonantal propostas por Murray (1987) foram formuladas de acordo com dados empíricos e generalizações encontradas nas línguas. A motivação para o rotacismo no ataque complexo e com primeiro elemento de um ataque complexo um segmento sonoro encontram respaldo nesta formulação teórica. Também sugerem que um ataque complexo formado por uma consoante obstruente mais uma vibrante é uma estrutura silábica preferida em relação a um ataque formado por uma obstruente mais uma lateral.

4.2.4. VARIÁVEL SEXO

O último fator considerado favorecedor ao fenômeno do rotacismo no ambiente de ataque complexo foi o sexo do falante. As mulheres realizam mais o fenômeno neste ambiente conforme mostra a Tabela 10.

Variável Sexo	Apl./ Total	%	Peso Relativo
W - Feminino	65/171	27	0.56
Y - Masculino	44/182	19	0.43

Input 0.18

Tabela 10: Variável sexo / ataque complexo

Este resultado contradiz estudos variacionistas tradicionais que ligavam o sexo feminino à maior realização de variáveis de prestígio e em situação de progresso. Como estamos lidando com um fenômeno estigmatizado e que demonstra um padrão curvilíneo de estabilidade naquela comunidade, esperaríamos que o sexo masculino liderasse o uso da regra variável do rotacismo.

No entanto, pesquisadores concordam que a variável sexo, como outras, deve ser vista em seu encaixe na comunidade analisada junto com a forma de construção social dos papéis feminino e masculino:

A análise da correlação entre gênero/sexo e a variação lingüística tem de, necessariamente, fazer referência não só ao prestígio atribuído pela comunidade às variantes lingüísticas como também à forma de organização social de uma dada comunidade de fala. (Paiva, 2004).

Encaixando nossa variável estigmatizada em uma comunidade rural e conservadora, podemos relativizar o papel das informantes mulheres, a maioria dona de casa, no favorecimento da regra.

4.3. RODADA PARA CODA SILÁBICA

Na rodada para os contextos de aplicação de coda silábica, obtivemos 47 células de 847 dados com um índice de aplicação de 4%. Coerentemente, os índices de aplicação para os dois contextos mantiveram-se os mesmos na rodada geral e nas rodadas individuais. O programa selecionou como favorecedores à aplicação da regra do rotacismo na coda silábica em São José do Norte dois fatores sociais: a faixa etária e o sexo do falante.

4.3.1. FAIXA ETÁRIA

O primeiro fator favorecedor ao rotacismo na coda silábica foi a faixa etária com maior realização do fenômeno pelos falantes mais velhos, como podemos observar na Tabela 11 abaixo.

Faixa Etária	Apl. / Total	%	Peso Relativo
4 - até 40 anos	1/210	0	0.16
5 - de 40 a 55 anos	3/279	1	0.32
6 – mais de 55 anos	27/317	10	0.82

Input 0.04

Tabela 11: Faixa etária / coda silábica

Nota-se que o padrão muda neste ambiente, pois se no ambiente de ataque complexo os mais novos e mais velhos favoreciam o fenômeno aqui apenas a faixa mais velha é que o favorece. Este padrão de realização sugere um declínio na realização do rotacismo neste ambiente, conforme podemos observar no gráfico abaixo.

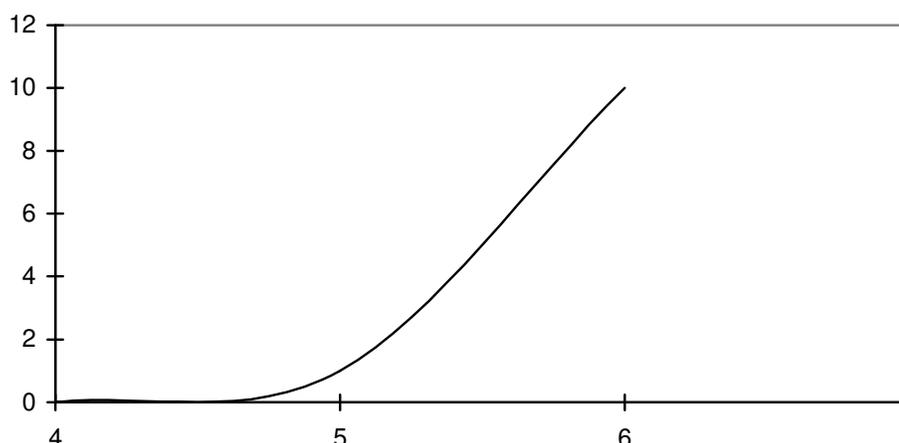


Gráfico 3: Faixa Etária e Realização de rotacismo na coda silábica

Observamos no Gráfico acima que o padrão curvilíneo desenhado pelos resultados difere do padrão para o ataque complexo cujo gráfico sugere uma variação estável para o rotacismo naquele ambiente. Na coda silábica, a frequência de uso é maior entre os falantes mais velhos e baixíssima entre as faixas etárias mais novas, sugerindo que o rotacismo neste ambiente seria uma regra que tende a desaparecer naquela comunidade.

4.3.2. VARIÁVEL SEXO

Nesta variável selecionada pelo programa para o ambiente de coda, os homens realizam mais a regra do rotacismo conforme a Tabela 12 abaixo.

Variável Sexo	Apl./Total	%	Peso Relativo
Y - Masculino	36/447	7	0.66
W - Feminino	5/359	1	0.29

Input 0.01

Tabela 12: Variável sexo / coda silábica

Este resultado é coerente com estudos variacionistas que relacionam o sexo feminino com a realização das variáveis de prestígio e inovadoras. Como estamos tratando com uma variável estigmatizada, esperaríamos que os homens favorecessem mais a realização do fenômeno.

Notamos que o rotacismo na coda apresenta um padrão de realização diferenciado do ambiente de ataque complexo. A presença de um tepe ou uma lateral na coda também pode ser examinada pelo grau de sonância dos segmentos (Clements, 1994) e por sua força consonantal (Murray, 1987). De acordo com as duas propostas e com teorias de estrutura silábica que postulam uma coda com sonância minimamente decrescente a partir do núcleo, o segmento vibrante por possuir maior grau de sonância, portanto estando mais próximo de uma vogal do que /l/, seria o elemento preferido para ocupar uma coda.

Acreditamos que o /l/ na coda não seja substituído por outra líquida porque há uma regra de vocalização da lateral que se aplica antes. Para ocorrer o rotacismo é necessária a identificação de ponto de articulação entre os segmentos lateral e vibrante. Como segundo elemento de um ataque complexo os dois são alveolares, mas como coda silábica os dois segmentos apresentam notável variação com predomínio das articulações posteriores. Nossa hipótese é de que a ocorrência do rotacismo necessite de identificação de ponto de articulação alveolar entre os segmentos lateral e vibrante e que a lateral sofre uma regra de vocalização na coda que desfaz o ambiente para aplicação do rotacismo.

Tasca (2002) realiza uma síntese de três pesquisas de caráter variacionista desenvolvidas no Rio Grande do Sul na última década do século XX, levando em consideração os resultados atinentes às variáveis extralingüísticas e postula a presença de uma regra telescópica, ou seja, podem ser encontrados sincronicamente os quatro estágios de mudança da lateral (alveolar, velarizada-labializada, velar e vocalizada) na coda silábica. Sabemos que o segmento /l/ apresenta variação alofônica conforme a posição silábica, o ataque é caracterizado por uma articulação dental ou alveolar [l] e quando ocorre na coda manifesta-se como variante velar ou vocalizada [w]. No entanto, segundo Tasca, estudos de Camara Jr. já apontavam a existência de uma lateral alveolar no contexto pós-vocálico no dialeto sulino.

Esta evidência é confirmada nos três estudos analisados por Tasca e que abrangem diferentes regiões do Rio Grande do Sul. Quednau (1993) observou a variante vocalizada em Porto Alegre, Taquara, Monte Bérico e Santana do Livramento. Tasca (1999) trabalhou com a hipótese de que a lateral alveolar tenderia a ser preservada na coda e definiu como variável dependente a lateral velar para Porto Alegre e a lateral alveolar para três comunidades étnicas do interior do estado: Panambi, Flores da Cunha

e São Borja. Espiga (2001) definiu como variáveis dependentes a alveolar para a região do Chuí e a forma velarizada-labializada para a região de Santa Vitória do Palmar.

O interesse para o estudo do rotacismo nestes trabalhos variacionistas sobre a lateral na coda silábica são suas confluências de resultados. Há coincidência dos falantes mais velhos tenderem a preservar a lateral alveolar na coda e quanto à variável sexo não há hegemonia como a faixa etária, mas há o predomínio do sexo masculino no uso da lateral alveolar na coda. Assim, os mesmos fatores que favorecem a preservação da lateral alveolar na coda, faixa etária mais velha e sexo masculino, são os que favorecem a realização do rotacismo.

O fato das variáveis condicionadoras para o rotacismo na coda e para a preservação da lateral alveolar neste contexto serem os mesmos, faixa etária e sexo, nos leva a inferir a interferência da mudança de articulação da lateral na realização do rotacismo na coda silábica. Isto é, há poucos dados com realização da lateral alveolar, pois os falantes preferem a vocalização, o que não cria contexto para a realização do rotacismo. Esta confluência de fatores ratifica nossa hipótese da interferência da mudança de articulação da lateral no fenômeno do rotacismo, ou seja, a lateral na coda sofre um processo de mudança de articulação no sentido da vocalização que afeta a regra do rotacismo.

Inferimos então que as regras de vocalização e de rotacismo estão em uma relação de ordenamento de sangramento (Kenstowick, 1994), ou seja, a aplicação da primeira impede a aplicação da segunda. Na Figura 5 abaixo, podemos visualizar o ordenamento entre estas regras. Como são fenômenos variáveis, ambas se realizam no nível pós-lexical.

Nível	/volta/	/kalma/
Pós-lexical	/vowta/	–
Vocalização	–	/karma/
Rotacismo	–	
Output	[vowta]	[karma]

Figura 5: Ordenamento das regras de vocalização e rotacismo

Assim, o baixo índice de rotacismo na coda pode ser atribuído à interferência da vocalização que a lateral sofre como um processo de mudança em progresso apontado em estudos feitos sobre a lateral.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Sumariando a análise lingüística dos resultados estatísticos fornecidos pelo programa *Goldvarb*, as variáveis favorecedoras à realização da regra do rotacismo são em ordem de importância: o ambiente de ataque complexo, a faixa etária e a escolaridade.

A maior ocorrência do rotacismo no ataque complexo se coaduna com o Princípio de Seqüenciamento de Sonância (Clements, 1990) se postularmos um valor de sonância para a vibrante superior ao valor da lateral e com teorias silábicas que estabelecem uma subida abrupta de sonância como a melhor forma de um ataque silábico.

O rotacismo no ataque complexo também encontra sustentação na Teoria da Força Consonantal (Murray, 1987) que igualmente estabelece um valor de força superior para a vibrante e para os segmentos sonoros. A teoria prediz que a probabilidade de uma estrutura silábica sofrer um processo aumenta conforme sua avaliação decresce e, como vimos, isto se confirma nos dados da amostra, pois o fenômeno ocorre mais em ataques complexos que possuem como primeiro elemento um segmento sonoro.

Quanto à faixa etária, há maior incidência do fenômeno entre os falantes mais jovens e mais velhos, o que sugere ser o rotacismo uma variável estável na comunidade de São José do Norte, e entre os falantes menos escolarizados com acentuado papel dos informantes analfabetos.

Na rodada individual para o ataque complexo, as variáveis favorecedoras ao fenômeno revelaram-se ser a faixa etária, a escolaridade, a sonoridade do segmento precedente e o sexo masculino. O predomínio de uso entre a faixa etária mais nova e a mais velha sugere que a regra é uma variação estável naquela comunidade neste ambiente. A escolaridade revelou ter realmente papel na realização do fenômeno, pois há maior ocorrência na faixa de baixa escolaridade, até quatro anos de estudo, e maior porcentagem de realização entre os informantes analfabetos.

Na coda silábica, as variáveis favorecedoras ao fenômeno foram o sexo masculino e a faixa etária mais velha, mesmos fatores selecionados como favorecedores à preservação da lateral alveolar na coda silábica em estudos variacionistas sobre este segmento. Neste ambiente, o fenômeno parece sofrer a interferência da regra de

vocalização da lateral e o padrão revela uma variação em progresso com declínio do rotacismo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. AMARAL, M. A síncope das proparoxítonas: uma regra variável. In: BISOL, Leda e BRESCANCINI, Cláudia (orgs.) *Fonologia e Variação – Recortes do Português Brasileiro*. Porto Alegre: Edipuc, 2002, p. 99-126.
2. CAMARA JR., Joaquim M. *Estrutura da língua portuguesa*. 3ª Edição. Petrópolis: Vozes, 1970.
3. CAMARA JR., Joaquim. M. *História da Lingüística*. Petrópolis: Vozes, 1975.
4. CLEMENTS, G. N. The role of the sonority cycle in cycle syllabification. In: *Papers in Laboratory phonology 1: between the grammar and physics of speech*. Ed. Kingston e Beckman. Cambridge: Cambridge University Press, 1990, p. 283 a 333.
5. DICKEY, Laura Walsh. *The Phonology of Liquids*. Tese de Doutorado. Massachusetts: Amherst, 1997.
6. FERREIRA, Aurélio B. de Hollanda. *Dicionário Aurélio Eletrônico*. Versão 1.3. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1994.
7. HALL, Tracy Alan. The phonology of German /R/. In: *Phonology 10* Cambridge University Press, 1993, p. 83-105.
8. HOUAISS, Instituto Antônio. *Dicionário Eletrônico Houaiss*. [s.l.]: Editora Objetiva Ltda. Versão 1.0.7. 2004.
9. KENSTOWICK, Michael. *Phonology in Generative Grammar*. Massachusetts: Blackwell Publishers, 1994, p 251-264.
10. LABOV. Willian. *Sociolinguistic patterns*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1972. SV
11. _____. *Principles of Linguistic Change – Internal Factors*. Cambridge: Blackwell, 1994.
12. _____. *Stable Sociolinguistic Variables*. Cambridge: Blackwell, 2002.
13. MOLLICA, Maria C. e PAIVA, Maria da Conceição. Restrições estruturais atuando na relação entre [l] > [r] e [r] > 0 em grupos consonantais em português. In: *Boletim da Associação Brasileira de Lingüística*, Nº 11, 1991.

14. MONARETTO, Valéria de O. *A vibrante: representação e análise sociolingüística*. Porto Alegre: PUC, 1997. Tese de Doutorado em Letras – Programa de Pós-Graduação em Letras.
15. MURRAY, Robert W. Preference Laws and Gradient Change: Selected Developments in Romance. In: *Canadian Journal of Linguistics / Revue canadienne de Linguistique*. Volume 32, 1987, p. 115 a 132.
16. PAIVA, Maria da Conceição de. A variável gênero/sexo. In: MOLLICA, Maria Cecilia e BRAGA, Maria Luiza (orgs.). *Introdução à Sociolingüística: o tratamento da variação*. São Paulo: Contexto, 2004, p.33-42.
17. TASCA, Maria. Variação e Mudança do Segmento Lateral na Coda Silábica. In: BISOL, Leda e BRESCANCINI, Cláudia (orgs.) *Fonologia e Variação – Recortes do Português Brasileiro*. Porto Alegre: Edipuc, 2002, p. 269-302.
18. VOTRE, Sebastião Josué. Relevância da variável escolaridade. In: MOLLICA, Maria Cecilia e BRAGA, Maria Luiza (orgs.). *Introdução à Sociolingüística: o tratamento da variação*. São Paulo: Contexto, 2004, p. 51-57.

RESUMO: Neste artigo, estudamos a realização de uma líquida vibrante por uma líquida lateral, como, por exemplo, a realização de *pranta* por *planta* e denominamos este fenômeno de *Rotacismo*. Usamos a Teoria da Variação para analisar dados de fala, descrevendo a realização do fenômeno e seus possíveis fatores condicionadores. Como resultados da nossa pesquisa em dados de fala, constatamos que o rotacismo é uma regra variável que depende do contexto silábico em que ocorre e que está condicionada por fatores sociais, como a escolaridade e a faixa etária. Estes resultados revelam um padrão de realização característico de variação estável para o ambiente de ataque complexo.

PALAVRAS-CHAVE: Fonologia. Rotacismo. Variação Lingüística.

ABSTRACT: In this paper we studied the realization of a rhotic liquid from a lateral liquid, such as, for instance, the realization of *pranta* from *planta* and we named this phenomenon Rhotacism. We used the Linguistic Variation Theory in order to analyze the speech data, describing the realization of the phenomenon and its possible conditioning factors. As a result of our research in the speech data, we verified that rhotacism is a variable rule, which depends on the silabic context in which it occurs and that is conditioned to social factors such as schooling and age. These results reveal a characteristic realization pattern of the stable variation to the environment of complex onset.

KEYWORDS: Phonology. Rhotacism. Linguistic Variation.

RESUMEN: En este artículo estudiamos la realización de una líquida vibrante por una líquida lateral, como por ejemplo, la realización de *pranta* por *planta* y denominamos a este fenómeno Rotacismo. Usamos la Teoría de la Variación para analizar los datos de habla, describiendo la realización del fenómeno y sus posibles factores condicionadores. Como resultados de nuestra investigación de datos de habla, constatamos que el Rotacismo es una regla variable que

depende del contexto silábico en que acontece y que está condicionada por factores sociales, tales como la escolaridad y el rango etario. Estos resultados revelan un padrón de realización característico de variación estable para el ambiente de ataque complejo.

PALABRAS CLAVE: Fonología. Rotacismo. Variación Lingüística.

Recebido no dia 05 de junho de 2007.

Artigo aceito para publicação no dia 25 de julho de 2007.